

O sol acabara de esconder-se atrás da fina camada de nuvens ocidentais e as cores do ocaso já se irmanavam na escuridão da noite de Coruscant. Apoiada no muro alto de pedra que corria pelo perímetro do terraço sobre o Palácio Imperial, Mara prestou atenção aos sons da brisa, fitando as luzes noturnas dos veículos em trânsito pela Cidade Imperial, abaixo. Apesar da atividade, havia algo de relaxante ali.

Ou talvez a paz estivesse agora em seu interior. De qualquer forma, era uma boa mudança.

Vinte metros atrás, a porta de acesso ao telhado abriu-se. Ela projetou a Força, mas sabia quem era mesmo antes disso. Tinha razão.

— Mara? — chamou Luke.

— Aqui — respondeu ela, sem tirar os olhos das luzes da cidade.

Sabia que ele estava ali para ouvir sua resposta.

— É uma bela vista, não é? — comentou ele, apoiando-se no muro ao lado dela. — Deve trazer recordações a você.

Ela lançou um olhar cheio de paciência, antes de responder.

— Tradução: Como estou me sentindo sobre voltar para cá dessa vez? Sabe, Skywalker... aqui entre nós... você fica quase patético quando tenta fazer algo escondido. Se eu fosse você, desistia do gênero e voltava à sinceridade tipo rapaz da fazenda.

— Desculpe. Acho que passo tempo demais com Han.

— E comigo e Karrde, certo?

— Quer que eu responda isso com a sinceridade de um rapaz criado na fazenda?

Ela sorriu.

— Certo, desculpe ter tocado nesse assunto.

— Então, como está se sentindo?

— Um pouco estranha... — confessou Mara. — É um pouco como voltar para casa... só que não é igual. Eu nunca fiquei aqui e *olhei* de verdade para a cidade, como estou fazendo agora. As únicas vezes em que eu subia aqui era para vigiar uma determinada nave, ou algum prédio. Negócios do Imperador. Acho que ele jamais enxergou a Cidade

Imperial como pessoas e luzes... para ele, não passavam de poder e oportunidades.

— Era a forma como ele enxergava tudo — concordou Luke. — E falando sobre oportunidades...

Mara ficou séria. Tinha razão. Ele viera para saber sua resposta.

— Essa situação toda é ridícula. Você sabe disso, e eu também.

— Karrde não pensa assim.

— Karrde é um idealista pior que você, algumas vezes — retorquiu ela.

— Em primeiro lugar, ele nunca vai conseguir manter unida essa coalizão de contrabandistas.

— Pode ser que não, mas pense só nas possibilidades se ele conseguir. Existem muitos contatos e fontes de informação lá na fronteira aos quais a Nova República não tem acesso.

— E para que você precisa de fontes de informação? Thrawn está morto e o centro de clonagem destruído. O Império está em retirada outra vez. Você ganhou.

— Ganhamos em Endor, também — lembrou Luke. — Isso não nos impediu de trabalhar anos para consolidar as defesas e tomar as providências políticas necessárias. Ainda temos muito trabalho para fazer.

— Ainda não faz sentido nenhum me colocar no meio disso — argumentou Mara. — Se você quiser uma ligação entre vocês e os contrabandistas, por que não escolhe Karrde para fazer isso?

— Porque Karrde é um contrabandista. Você é assistente dele.

— Grande diferença — comentou ela, dando de ombros.

— Para algumas pessoas, é importante. Todo esse processo de negociação está baseado mais nas aparências e nas imagens do que em realidade. De qualquer forma, Karrde já disse que não quer o cargo. Agora que os vornskr já se recuperaram, só quer voltar para casa.

— Não sou política e muito menos diplomata — protestou Mara.

— Mas você é alguém em quem os dois lados confiam. Isso é o importante nesse caso.

— Você diz isso porque não conhece essas pessoas, Skywalker. Confie em mim... Chewbacca e os caras que vocês mandaram para mudar os noghri para o novo planeta vão se divertir muito mais.

Ele tocou-lhe a mão.

— Você pode fazer isso, Mara. Sei que pode.

— Vou ver o que posso fazer — disse ela, com um suspiro.

— Tudo bem. Pode descer quando estiver pronta.

— Claro — respondeu ela, olhando-o com o rabo dos olhos.

— Mais alguma coisa? Ele sorriu.

— Você está ficando boa nisso.

— A culpa é sua, por me ensinar bem. Vamos lá, desem-buche.

— E só isso — disse Luke, apanhando um objeto no interior da túnica.

— O que é? — indagou Mara, franzindo a testa.

— É meu velho sabre-laser — disse Luke, devagar, estendendo a arma.

— O que perdi na Cidade das Nuvens e que quase me matou em Wayland. Gostaria que ficasse com ele.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Para mim? Por que para mim?

— Por vários motivos. Primeiro, porque mereceu. Está a ponto de se tornar uma Jedi e irá precisar dele. Mas principalmente porque quero que fique com você.

Devagar, quase com relutância, ela apanhou a arma.

— Obrigada.

— Por nada — respondeu Luke, tocando-lhe a mão outra vez. — Estarei no sala de reunião com os outros. Desça quando tiver decidido.

Voltou-se e caminhou para a porta de acesso. Mara voltou a observar as luzes da cidade, o metal frio do sabre-laser apertado contra sua mão. O sabre-laser de Luke Skywalker. Provavelmente um de seus últimos elos com o passado... e ele o entregara a ela.

Havia ali uma mensagem? Provavelmente. Como ela mesmo apontara, a sutileza não era um dos pontos fortes de Luke. Mas se fizera esse gesto com outras intenções, perdera tempo. Seu último elo com o passado fora quebrado na sala do trono, no monte Tantiss.

Seu passado terminara. Era tempo de continuar, em direção ao futuro. E o futuro era a Nova República. Gostasse disso, ou não.

Atrás dela, escutou a porta grossa de madeira rangendo nos gonzos.

— Espere um pouco, Luke — disse Mara. — Vou com você.

FIM

SOBRE O AUTOR

Timothy Zahn é um escritor de ficção científica bastante popular nos Estados Unidos, conhecido por destacar aspectos humanos das histórias que narra, contra um fundo bem pesquisado de ciência e tecnologia. Ganhou o Hugo Award por seu romance *Cascade Point* e é autor de onze livros de ficção científica, entre os quais destacam-se *Cobra*, *The Blackcollar* e *Warhorse*, assim como mais duas coletâneas de contos.

A TRAGÉDIA INSTALA-SE NA GALÁXIA!
PARTE III

GUERRA NAS ESTRELAS

A ÚLTIMA ORDEM

